



#ESTUDOEMCASA

BLOCO N.º 5		DISCIPLINA Português
ANO(S)	9.º	
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS		<ul style="list-style-type: none"> • Leitura Ler em suportes variados textos dos géneros: crónica Reconhecer a forma como o texto está estruturado. Fazer inferências devidamente justificadas. Identificar tema(s), ideias principais, opiniões e argumentos. Compreender a utilização de recursos expressivos para a construção de sentido do texto.
		<ul style="list-style-type: none"> • Gramática Distinguir funções sintáticas: vocativo, sujeito, predicado, complementos direto, indireto e oblíquo, predicativo do sujeito e modificador de frase e do grupo verbal.

Título/Tema do Bloco

Crónica - Um silêncio refulgente

Tarefas/ Atividades/ Desafios

Lê o seguinte texto.

Acho que a coisa mais importante que me aconteceu na vida foi uma viagem de cerca de um mês, a Itália, com o meu avô. O meu avô guiava e eu sentado ao lado dele, com um volante de plástico, fingia que guiava também. O carro era um Nash encarnado. O meu volante de plástico tinha, ao centro, uma bola de borracha. Apertando, a bola emitia um som que na minha fantasia era uma buzina. O barulho do motor, arranjava-o com a boca, de forma que não havia dúvidas de ser eu quem conduzia o automóvel. De vez em quando o meu avô fazia-me uma festa no pescoço. É engraçado, mas ainda sinto os dedos dele.

Durante os dois primeiros dias o cheiro da gasolina enjoou-me e vomitava para cartuchos de papel. Íamos ficando em hotéis pelo caminho. Lembro-me dos gelados que comi em Saragoça, lembro-me de assistir a uma tourada em Barcelona com Luis Miguel Dominguin e ter ido ao teatro ver Carmen Sevilha. Estive apaixonado por ela até aos doze anos, altura em que assisti a Os dez Mandamentos e a troquei por Anne Baxter, a mulher do faraó. Nem Carmen Sevilha nem Anne Baxter me deram troco por aí além. As paixões

demoravam a passar nesta época, em que tudo era lento. Dias compridíssimos, desses que demoravam séculos a nascer. O meu padrinho dava-me dinheiro por dentes de leite. Se eu fosse jacaré estava rico.

Depois foi a França. A torre Eiffel pareceu-me uma coisa por acabar, que julgava que só existia dentro dos pisa-papéis. Voltava-se ao contrário e um remoinho de palhetas doiradas esvoaçava ao redor daquilo. Talvez o meu avô tivesse força para voltar a de Paris mas por um motivo que me escapa não o fez, e portanto não houve palhetas doiradas nenhuma. Ainda pensei em pedir-lhe. Respeitei o seu desinteresse pelos pisa-papéis e, dececionado, afastei o pescoço quando os dedos vieram. Já a seguir, claro, arrependi-me: se calhar o meu avô ia voltar-me, a mim, ao contrário, e eu cercado de palhetas doiradas. Voltando a Portugal oferecia-me ao marido da costureira e iria ficar lindamente em cima do rádio. Como me diziam sempre

– Tão bonito, tão loiro

cumpriria decerto, às mil maravilhas, uma vocação de bibelô. Seguiu-se a Suíça onde, em Berna, uma bicicleta me veio a atropelar, o que me pareceu uma falta de grandeza. O sujeito da bicicleta, que cuidava pedalar um camião, desceu do selim para apanhar os meus restos. Para tranquilidade do marido da costureira encontraram-me intacto. O suíço

(há suíços com alma)

partiu a pedalar, de calças presas com molas de roupa como ourives da feira de Nelas. Para os imitar, amarelo de inveja, pinçava molas nos calções antes de me instalar no triciclo, e a pensar no triciclo cheguei a Pádua: com um volante de plástico e uma buzina de borracha alcança-se Itália num rufo. Itália, de início, pareceu-me o sítio para onde os suíços varriam o li-xo deles, ou seja uma espécie de Portugal com mais pedras e as construções que os romanos se esqueciam de completar: umas colunas, um bocado de teto, umas porções de mosaico, mais ou menos o jardim dos meus pais depois de eu ter andado por ali com uma fisga. Ao ver o Coliseu tive a certeza de que o meu irmão Pedro já lá estivera antes. Com um martelo. Explicaram-me haver sido construído por um sujeito que inventou o arco e não foi capaz de parar. O nosso objetivo, no entanto, era Pádua, para a primeira comunhão na igreja do Santo com o meu nome. Aí o meu avô tocou no túmulo com a mão, e mandou-me tocar no túmulo com a mão:

– Promete-me que quando tiveres um filho o trazes aqui.

Foi a única altura em que lhe vi os olhos cheios de lágrimas. Assim os dois sozinhos. Deu-me um abraço, beijou-me, e nunca ninguém me abraçou e beijou como ele. Para quem olhasse de fora podia ser um bocadinho esquisito: um homem a abraçar uma criança e um volante de plástico. Para mim foi o momento de mais intenso amor da minha vida.

António Lobo Antunes, Segundo Livro de Crónicas, D. Quixote, 2002

Responde às questões de forma clara e contextualizada.

1. Comprova que a relação entre o avô e o neto era muito carinhosa.

2. Apresenta três momentos desta viagem que perduram na memória do cronista.
3. Transcreve do texto duas expressões que evidenciem a tenra idade do cronista quando fez aquela viagem a Itália.

Gramática

1. Identifica as funções sintáticas dos constituintes sublinhados.

- a) A cronista apresenta um exemplo aos leitores.
- b) As marchas estão na moda.
- c) Os turistas chegam a Lisboa em junho.
- d) Eles tinham decidido voltar no inverno.
- e) No final, todos aplaudiram.